

À descoberta do Porto

GERMANO SILVA



Mosteiro S. Bento da Ave Maria foi vítima do camartelo

A "Casa das Ameias"

Nos finais do século XIX uma hecatombe demolidora arrasou o Porto e destruiu-se importante património

→ O século XIX, especialmente a segunda metade, teve efeitos devastadores para a história da nossa cidade, especialmente para o seu património artístico e monumental.

Um imperdoável sentimento de vandalismo instalou-se, por essa época, no Porto e, com o pretexto, por vezes ilusório, de a cidade ter que entrar, definitivamente, na senda do progresso, destruiu-se um precioso e valioso património artístico e arquitectónico que fazia parte integrante da história da própria cidade.

O exemplo mais frisante dessa fúria destruidora podemos encontrá-lo no que aconteceu com a muralha dita fernandina.

Ao longo de um perímetro de cerca de 3500 metros, que era o que ocupava esse muro defensivo, havia cinco portas, defendidas por possantes torres com ameias e arcos em ogiva; pelo menos sete postigos e dezenas de cubelos.

Pois, de tantas portas e postigos que havia abertos no pano da muralha, só um escapou ao camartelo demolidor - o postigo do Carvão, na Ribeira.

Aceito que nem tudo era possível preservar. Que a maior parte das portas e cubelos tinham que ser apeados. E que o fossem. Mas não teria sido possível reconstruí-las num outro sítio qualquer da ci-

dade? Sempre podíamos saber hoje como eram essas portas, algumas bem interessantes e com profundas ligações à própria história do velho burgo.

A preocupação "vesânica das municipalidades" daquele tempo, como as classificou Ramalho Ortigão, originou a demolição, em 1886, da capela de Santo António do Penedo, nos antigos Carvalhos do Monte, actual Largo do 1.º de Dezembro, que estava enquadrada num dos mais belos recantos renascentistas do Porto.

Chamava-se do Penedo por ter sido construída sobre uma enorme rocha.

O pretexto para a demolição foi a abertura da Rua de Saraiva de Carvalho e a ligação rápida e fácil ao tabuleiro superior do Ponte Luís I.

Da capela de Santo António do Penedo guardam-se nos jardins do Palácio de Cristal (no Roseiral) algumas pilastras ornamentais.

O mais hediondo dos crimes de lesa património, cometido na segunda metade do século XIX, foi, no entanto, a destruição imperdoável de uma casa gótica que havia à entrada da Rua da Reboleira, a "casa das ameias" que ocupava o lado do rio, sem dúvida um dos mais raros e curiosos espécimens de uma habitação particular do século XV.

O pretexto para mais este acto de puro vandalismo foi, outra vez, a abertura de uma nova artéria, no caso em causa, a Rua Nova da Alfândega. Só que, na opinião de doutos cronistas da época, casos de Pedro Vitorino e Sousa Viterbo, a casa "não perturbava o trânsito e se prejudicava alguma coisa a estúpida simetria ou o alinhamento rectilíneo, era, em compensação, um delicioso enfeite panorâmico..."

Os autarcas, de ontem e de hoje, nunca tiveram uma faísca de bom senso artístico nas suas ideias

Admitamos, no entanto, que a sua demolição era inevitável. Por que não foi reconstruída na íntegra num outro local da cidade, como sugeriu o próprio Pedro Vitorino, "em sítio pitoresco a que ela daria ainda maior realce..."

Há só uma explicação para tanta incúria: os autarcas, de ontem e de hoje, nunca tiveram uma faísca de bom senso artístico a iluminar-lhes as ideias...

Mas a destruição do património histórico-cultural do Porto não aconteceu somente no passado. Já no dealbar do século XX aconte-

ceu uma autêntica devastação. Veja-se o caso do mosteiro de S. Bento da Ave Maria onde, ainda nos finais do século XIX, se realizavam os poéticos outeiros ou abadessados. Destruuiu-se uma igreja barroca, das mais belas que havia no Porto, para se construir uma estação do caminho-de-ferro.

Nos idos de quarenta, já nos nossos dias, portanto, o camartelo demolidor assentou arrais no cume da Penaventosa e fez sentir a sua acção perniciososa, arrasando quarteirões inteiros ao redor da vetusta catedral. Desapareceram o solar dos Montenegros, à entrada da Rua Escura, como, um século antes (1855), haviam desaparecido as Casas Nobres do Arco de Vandoma.

O que se lamenta é que de todas essas demolições se não tenham aproveitado, pelo menos, alguns vestígios arqueológicos, fragmentos de colunas e capitéis ou mesmo portas e janelas, que nos ajudassem, hoje, a fazer uma ideia de como eram as casas ou templos destruídos. Infelizmente são muito poucos os restos dessa hecatombe demolidora que chegaram até aos nossos dias e que religiosamente se guardam no Museu Nacional de Soares dos Reis. Pena é que estas preciosidades não estejam ainda franqueadas ao público... ■

Muito pouco se conseguiu salvar

De entre as inúmeras relíquias do Porto antigo que lograram escapar ao definitivo esquecimento, por terem sido recuperadas e recolhidas em museus, ou reconstituídas noutros locais, que não os da sua origem, vêm-nos à memória, em primeiro lugar, a capela de Nossa Senhora de Agosto ou dos Alfaiates, como também é conhecida. Esteve na rua que tinha o nome da padroeira, diante da catedral, e está agora à entrada da Rua do Sol, onde reconstituíram. Uma famosa janela de ângulo, manuelina, que adornou uma casa à esquina das ruas da Fonte Taurina e da Alfândega, foi recolhida num parque da Quinta da Avelada, em Penafiel e lá continua formando um artístico conjunto no meio de um lago. A capela de S. Crispim e S. Crispiniano, dos sapateiros, demolida por causa da abertura da Rua de Mouzinho da Silveira, foi reconstituída ao cimo da antiga Rua de S. Jerónimo, actual Rua de Santos Pousada onde a respectiva confraria continua em actividade. No Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, guarda-se uma pedra com uma curiosa inscrição poética em, hebraico. Pertenceu ao nosso convento de Monchique. No mesmo museu também se guarda uma curiosa estátua do século XVI, feita em granito, que foi encontrada, em 1886, durante as obras à entrada da barra do Douro. A estátua servia de baliza à entrada daquele rio.